



1.2 • Conjuntura Internacional

Estado Islâmico: à distância de um clique

O ESTADO ISLÂMICO do Iraque e do Levante, conhecido mundialmente como Estado Islâmico (EI), protagoniza actualmente a maior e mais actuante organização terrorista do planeta.

Sem reconhecimento algum da comunidade internacional, alcandora-se a autoridade religiosa de todos os muçulmanos do mundo e objectiva o controlo total de regiões maioritariamente islâmicas. Das suas fileiras fazem parte incontáveis jovens ocidentais que, à partida, não reúniam qualquer condição para se fidelizarem como jihadistas, vários portugueses incluídos. As redes sociais ajudaram muito e continuam a ter um papel fundamental.

Khelafabook

A captação de imagens e posterior partilha nas redes sociais da execução do jornalista norte-americano James Foley, em Agosto de 2014, por parte do EI, foi uma gota de água para que os gigantes Facebook e Twitter tomassem a decisão de aumentar o controlo sobre os ficheiros partilhados nas suas redes, na tentativa de colocar um ponto final na divulgação de imagens ameaçadoras e de extrema violência. Com milhares de visualizações em questão de horas, o EI mostrava ao mundo que estava disposto a tudo e que usufruía das mesmas praças públicas virtuais, mas de consequências e influência muito reais, como qualquer outra organização.

Todavia, o que não falta são redes sociais e, não obstante terem menos visibilidade, têm também maior permissividade e são alvo de controlos mais suaves.

Um dos exemplos é a VK (VKontakte), similar ao Facebook, e que consubstancia o segundo site mais visitado da Federação Russa, sendo especialmente dirigido a este público, apesar de suportar quase setenta idiomas, entre eles o português. Quando o vídeo que mostra Foley a ser decapitado foi retirado do Youtube, continuou a poder ser visto no VK, entre outros.

Ainda assim, e como demonstração de força, poder e conhecimento, surgiu o Khelafabook¹, supostamente criado por apoiantes do EI, em tudo semelhante e à imagem do Facebook, informando que é *The first social media site for ISIS supporters*, e uma das línguas em que está disponível é o português.

Mediatização do fenómeno

Embora o Khelafabook esteja em baixo, existe, e isso é suficiente, principalmente na perspectiva do cesurismo², ou seja, é um fenómeno nunca visto, e cujas consequências só poderiam ter lugar num mundo como o actual: sobre ele são passadas milhares de mensagens nas outras redes sociais, com grande destaque para

as típicas frases curtas, mas muito eficazes, do Twitter, naquilo que quase poderíamos identificar como uma onda de solidariedade islâmica, e que acaba por funcionar como uma explosão de informação, de partilha, de denúncia de falta de liberdade até. Desta forma, a expulsão das redes sociais com maior abrangência acabou por tornar-se uma manobra que não prejudicou o Estado Islâmico.

“ O Estado Islâmico foi o responsável pela marcha de quatro milhões de pessoas nas ruas de Paris, entre elas nada mais nada menos que quarenta e quatro chefes de Estado, proeza digna de registo. ”

Para além das medidas oficiais e institucionais das empresas que gerem as redes sociais, mencione-se a actividade dos *hackers* que tiveram, e têm, um papel de destaque na denúncia e interferência para que determinados sites não consigam aguentar-se activos.

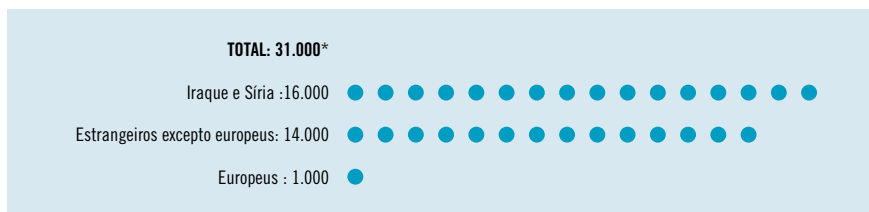
Reginaldo Rodrigues de Almeida

Anonymous é o nome do conhecido, passe a ironia de palavras, grupo activista que alega ter *crashado* inúmeras contas quer no Facebook, quer no Twitter, suspeitas de ligações ao EI ou aos seus seguidores, afirmando *You will be treated like a virus, and we are the cure*³, num vídeo onde se assumem provenientes de todos os locais, com uma multiplicidade religiosa e política, de todas as profissões e idades, entre outras afirmações de globalidade e manifestam-se dispostos a não dar paz a apoiantes do EI, afirmando que é necessário *keep an eye on*.

Coreografias islâmicas

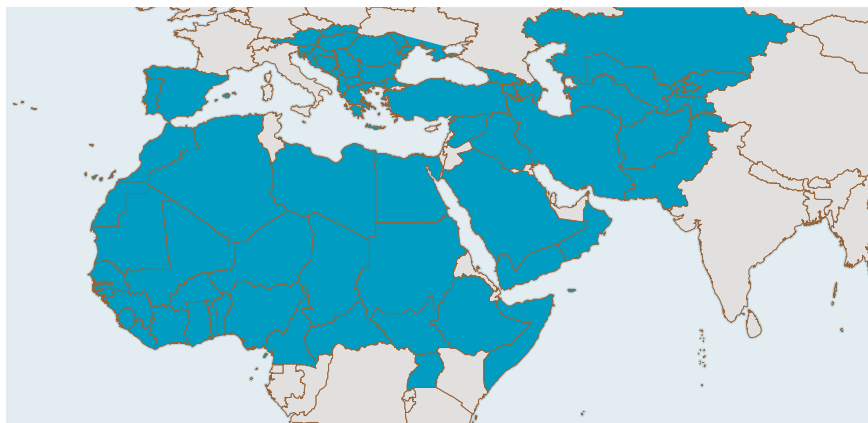
O EI descobriu o poder da imagem como nunca tinha sido feito por qualquer organização ou entidade à margem da *lei*, muito menos da lei planetária. As imagens das diversas execuções, as perspectivas, os monólogos, a postura, o uso de pessoas muito jovens, tudo é planeado e nada fica ao acaso, como numa produção que, sabem-no, vai ter uma enorme plateia: a internet.

Porém, as vítimas, os inimigos, incluem também membros de EI que, por uma razão ou outra, são acusados, principalmente de denúncia das suas actividades. O mais recente, a 30 de Junho de 2015, é um vídeo com vinte minutos, que mostra uma delicada e atenta produção videográfica na preparação da morte de dezoito membros, supostamente rebeldes aliados do Estado sírio.



Nacionalidade dos combatentes do Estado Islâmico.

*Estimativa máxima, segundo o Pentágono (Janeiro de 2015). Fonte: CIA, Pentágono



Em nome de Alá. Mapa divulgado nas redes sociais sobre as intenções de conquista de territórios nos próximos cinco anos. Fonte: *The Muslim Issue* (July, 2014) (disponível em <https://themuslimissue.wordpress.com/2014/07/10/spanish-speaking-isis-fighter-in-syria-warns-we-shall-liberate-spain/>).

O EI E O TWITTER

Estimativa de contas que apoiam abertamente o EI: 46 000
Estimativa de contas apoiantes do EI: 90 000
Localização mais frequente: 'Estado Islâmico', Síria, Iraque e Arábia Saudita
Ano em que foram criadas mais contas: 2014
Mês em que foram criadas mais contas: Setembro
Contas usando técnicas de Spam e táticas enganosas: 6.216
Média de tweets diários por utilizador (por vida útil da conta e sobre os últimos 200 tweets): 7,3 e 15,5
Média de tweets por utilizador (na vida útil da conta): 2.219
Média de seguidores: 1.004
Tipo de equipamento usado: 69% Android, 30% iPhone, 1% Blackberry

Fonte: Adaptado de J. M. Berger & Jonathan Morgan, *The ISIS Twitter Census Defining and describing the population of ISIS supporters on Twitter* (20 Mar 2015), (disponível em http://www.brookings.edu/~media/research/files/papers/2015/03/isis-twitter-census-berger-morgan/isis_twitter_census_berger_morgan.pdf).

CTIRU - COUNTER TERRORISM INTERNET REFERRAL UNIT

Esta unidade foi criada *para tornar a internet um local hostil aos terroristas*, afirma a polícia inglesa, que trabalha em ligação directa com a Europol, nesta frente que iniciou funções a 1 de Julho de 2015. A missão principal é a de monitorizar e encerrar contas ligadas ao EI nas redes sociais, lugar privilegiado de recrutamento de jihadistas, face aos elevados números de jovens que são atraídos para a organização. Espera-se que a acção desta unidade contribua para multiplicar decisões como a que levou Hassan Munir, em Bradford, no Reino Unido, a ser sentenciado a dezoito meses de prisão, em Abril de 2015, por ter partilhado mensagens no Facebook consideradas extremistas: apelava à violência e incitava a pegar em armas em nome do EI, depois de ter ignorado avisos da polícia e do próprio Facebook, aquando da partilha de informação sobre como fazer explosivos e sobre decapitações.

CONTAGEM NO YOUTUBE

Numa pesquisa simples, usando aspas para diminuir o ruído do quociente, os resultados para três pesquisas são os seguintes:
Estado Islâmico – c. 60 mil resultados
Islamic State – c. 250 mil resultados
ISIS – c. dois milhões e meio de resultados

Tudo foi planeado, cada gesto, cada passo, sempre em simultâneo, invocando a ideia de unicidade, como num bailado, fazendo inveja a certas produções comerciais.

Cada vídeo é uma ameaça, uma mostra de poder pela violência, com despudoradas e doentias mostras de decapitações, afogamentos, pessoas a explodirem, queimadas vivas e todo o tipo de horror simultâneo que, se fosse no cinema, nos faria qualificar o filme como de classe B, face ao exagero. Contudo, é da realidade que se fala, e o uso de crianças-soldado não passa alheio, antes pelo contrário, a mensagem é clara: o futuro obedece ao Estado Islâmico.

Por outro lado, são igualmente conhecidas as imagens dos campos de treinos, as exigentes provas que cada membro tem de dar, físicas e psicológicas, igualmente partilhadas com o mundo, de forma preparada e com produção de nível profissional. Estas imagens não são recolhidas exclusivamente no Médio Oriente, em locais inacessíveis, no meio de montanhas: são filmadas em várias cidades europeias⁴, a céu aberto, em locais insuspeitos para quem passa, que julga tratar-se de um treino de artes marciais entre amigos, e que são depois disponibilizadas nas redes sociais.

Por outro lado, são vários os relatos de raparigas que afirmam ter sido recrutadas via Facebook por rapazes atraentes⁵: de acordo com o relato

de Ayesha (nome fictício) isto faz parte de uma programação, na qual se deixou envolver, contando como foi contactada com dezasseis anos por um jovem muito atraente que lhe elogiou igualmente a beleza, dizendo-lhe que tinha *chegado a bora de tapar aquela preciosidade...* Mais uma vez, a imagem é crucial, desta feita para captar recrutas.

Vejam!

Não deixa de ser curioso que a palavra de ordem – não necessariamente expressa – em toda esta dinâmica seja uma palavra associada ao Cristianismo: Vejam. Numa época em que a transmissão oral era de suprema importância e o testemunho imprescindível, quem podia dizer 'eu vi', era alguém confiável, verdadeiro, tanto mais que muita da expressividade cristã não era dada a ver a todos, mas apenas a eleitos. Agora, o EI vem tomar a mesma expressão, perfeitamente adequada ao século XXI, mostrando, partilhando com o mundo as suas actividades, que o mesmo é dizer, partilhando com a comunidade global, fazendo de todos e de cada um eleitos, possíveis candidatos, apoiantes e protagonistas da sua causa.

A ágora islâmica é na internet, em ambientes virtuais que tentam conquistar adeptos para uma realidade que apresentam como fascinante mas que, na verdade, é assustadora. É uma *Second Life* verdadeira, para a qual muitos jovens portugueses têm sido conquistados, como se tem noticiado largamente.

Charlie

O Estado Islâmico foi o responsável pela marcha de quatro milhões de pessoas nas ruas de Paris, entre elas nada mais nada menos que quarenta e quatro chefes de Estado, proeza digna de registro.

Da mesma forma que o mundo assiste aos vídeos do EI, o EI viu o mundo unir-se com um só nome, Charlie, que se multiplicou livremente nas redes sociais, em todas, principalmente naquelas de onde se tenta banir o EI e seus associados.

As autoridades norte-americanas, que reconheceram terem errado ao não enviar um representante à manifestação de Paris, têm consciência de que o uso das redes sociais por parte de jihadistas aumenta o risco de atentados. São palavras do secretário de Segurança Interna, Jeh Johnson⁶, em Maio de 2015, provando o receio que o virtual pode trazer ao mundo real. Johnson encorajou as comunidades locais a promoverem um maior envolvimento no sentido de deter qualquer tipo e forma de propagação jihadista.

Uma imagem vale mais que mil palavras

Sempre se disse que Obama bin Laden teria sido capturado facilmente se usasse multibanco, cujo rasto persegue e denuncia os seus utilizadores, tendo o chefe da Al-Qaeda sido sempre muito cauteloso, até nas filmagens que permitia, não fosse qualquer detalhe identificar-lhe o esconderijo. Com o Estado Islâmico verifica-se uma situação contrária: a exposição declarada e intencional de determinadas acções, a presença permanente na internet, um protagonismo real e virtual, que nenhuma outra organização conseguiu atingir.

Mesmo rechaçados de diversas redes sociais, garantem que sobre eles se fala e que os seus vídeos são vistos e comentados. Usam a rede como ninguém, garantindo, mesmo 'ausentes', uma presença bem marcante que, neste momento, passa muito por deixar os seus atacantes, ou indiferentes, fazer o trabalho da multiplicação de visualizações por si, quanto mais não seja, por curiosidade. Denotam cálculo em toda e qualquer acção que envolva imagem, seja para mostrar a destruição de património da Humanidade, matar ou criar tutoriais para *kits* de primeiros socorros, costura ou receitas de culinária. ■

Notas

¹ Vocativ, *ISIS Opens Its Own Social Network* (8 Mar 2015) (disponível em <http://www.vocativ.com/world/isis-2/isis-opens-its-own-social-network/>).

² Ver Cabral; M. V.; Garcia, J. L. & Jerónimo, M. H. (2006) *Razão, tempo e tecnologia: estudos em homenagem a Herminio Martins*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

³ Veja-se o vídeo em Jones, Rachel, 'Isil is a virus, we are the cure': Hackers say they've taken down 100 Isil Twitter accounts, *The Telegraph*, (10 Fev. 2015) (disponível em <http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/11402480/Isil-is-a-virus-we-are-the-cure-Hackers-say-theyve-taken-down-100-Isil-Twitter-accounts.html>).

⁴ *Observatório do Mundo: os novos recrutas do Estado Islâmico*, (6 Fev. 2015) (disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=j0hEkjwqjx8>).

⁵ Heather Saul, 'Attractive' jihadists used as 'eye candy to recruit British girls into extremist groups', (3 Mar. 2015), (disponível em www.independent.co.uk/news/world/middle-east/attractive-jihadists-used-as-eye-candy-to-recruit-british-girls-into-extremist-groups-10081499.html).

⁶ ABC News, (10 Maio 2015) (disponível em <http://abcnews.go.com/Politics/week-transcript-sec-jeh-johnson/story?id=30909245>).